



## *Cresce a presença masculina na Enfermagem*

*Há 40 anos, o percentual de homens que atuavam no setor de Enfermagem no Estado de São Paulo era de apenas 2%. O número hoje chega a 12%, segundo o banco de dados do COREN-SP. Embora o percentual ainda seja pequeno, ele revela um avanço cultural e comportamental no setor da Enfermagem e no universo masculino*

No filme *Entrando numa fria*, o ator Ben Stiller vive o enfermeiro Greg. Em função da escolha da profissão, ele é alvo de chacota por parte da família da namorada. Essa postura, preconceituosa, já não é mais tão frequente no dia a dia de homens que abraçaram a Enfermagem e se dizem realizados em ambientes predominantemente femininos.

O enfermeiro e professor Rivael Pereira da Silva, que há 13 anos atua no Hospital Infantil Darcy Vargas, na capital paulista, acredita que houve uma quebra de paradigmas. Segundo ele, os hospitais gradativamente passaram a entender a importância do gênero masculino nas tarefas de atendimento e também no processo administrativo. Rivael conta que a escolha da profissão ocorreu após um teste vocacional, quando ainda era bem jovem. “Esse tes-

te sinalizou que eu teria vocação para atuar nas áreas de Enfermagem, fisioterapia e serviço social. Como enfermeiro eu me sinto fazendo um pouco das três áreas”, analisa.

Rivael afirma que jamais sofreu qualquer tipo de preconceito, seja por parte de companheiras de trabalho ou de pacientes. “Os tempos são outros e tenho percebido essas mudanças positivas, ao longo de quase duas décadas de profissão. Não há boicote. Existe, sim, a ajuda mútua, e tanto o enfermeiro quanto a enfermeira têm muito a oferecer. Com essa inserção do homem na Enfermagem, todos saem ganhando”, garante.

Como enfermeiro pediátrico Rivael tenta criar um ambiente lúdico no relacionamento com as crianças. “Você tem de ir quebrando a resistência, aos poucos, e sob esse aspecto, o ato de brincar ajuda bastante”. Segundo ele, a resistência que algumas crianças apresentam está relacionada à tarefa da Enfermagem e não ao fato de o atendimento ser feito por um homem ou uma mulher. As características físicas masculinas, como a força muscular, “não são um diferencial, pelo menos no atendimento pediátrico”. Segundo Rivael, o que importa é o comprometimento do profissional, sua dedicação e humanização. “Trabalhar com criança é questão de sensibilidade, e independentemente de ser enfermeiro ou enfermeira, o que conta é a delicadeza no trato com a criança e seus acompanhantes”, garante o professor.



Professor Rivael Pereira da Silva: “com a inserção do homem na Enfermagem todos saem ganhando”



O técnico de Enfermagem Alex Dourado dos Santos

## Postura profissional

A quebra de tabus e preconceitos também é apontada pelo técnico de Enfermagem Alex Dourado Alves dos Santos como um dos motivos do aumento no número de homens dentro da categoria. Alex tem 10 anos de profissão. Há sete trabalha no Centro Cirúrgico do Hospital Sírio-Libanês e nos últimos três anos se divide também entre o Centro Cirúrgico do Hospital Infantil Sabará. “Tanto os profissionais como o próprio mercado amadureceram para a questão de que o cuidado ao próximo não deve se restringir às enfermeiras”, analisa, ressaltando que o diferencial de um bom profissional, nos dias de hoje, envolve também a humanização, como destaca pelo professor Rivael.

Santos garante, ainda, que não há qualquer restrição, por parte da criança, se o profissional que a atende é homem ou mulher. “A visão da criança é genuína, pura. Ela não tem receios, nem barre-



Enfermeiro Cleber Preusse: “ainda há certa resistência à figura masculina”

ras. Isso vai ser obtido a partir de uma abordagem assertiva do profissional da Enfermagem”, pondera.

Colega de Alex no Hospital Infantil Sabará, o enfermeiro Cleber Preusse atua há um ano no Pronto Socorro da unidade. Ele é o único homem da equipe, composta por seis enfermeiras. Segundo Cleber, a relação de trabalho é muito boa. “Enfermeiros do sexo masculino geralmente fogem da pediatria, algo que eu também fazia, até ingressar no Sabará. Hoje a minha visão é completamente diferente. Acredito que o profissional de pediatria é diferenciado pelo fato de ter de entreter a garotada, descontraí-la, para que seu trabalho seja realizado de maneira mais leve”, afirma o profissional.

Para Cleber, a confiança dos pais é conquistada pela postura profissional, independentemente do gênero do profissional. Dentro da equipe, o bom relacionamento é mantido por meio de conversa franca e direta, o que possibilita um melhor diálogo entre todos os integrantes do grupo, homens e mulheres. Para o enfermeiro, trabalhar com crianças é atender a vários tipos de pacientes ao mesmo tempo. “Prestamos atendimento à criança, mas também à mãe, ao pai, e, muitas vezes, até aos avós, que se veem cercados de medo e angústia quando a criança está doente”, explica.

Apesar dessa abrangência, ele frisa que ainda existe preconceito em relação à figura do homem na Enfermagem. “Somos capacitados para realizar um atendimento de qualidade, como qualquer enfermeira, entretanto, ainda percebo uma certa resistência à figura masculina em determinadas situações”, revela.



Professor João Paulo Martins de Souza defende mudança de postura na formação

## Formação

Professor de Saúde da Mulher e enfermeiro do Instituto Bairral de Psiquiatria, em Itapira (SP), João Paulo Martins de Souza diz que a questão de atuação do homem em áreas da Enfermagem vistas como essencialmente femininas devem ser abordadas já na formação. “Formamos para assistência generalista. Durante a faculdade, o profissional do sexo masculino é isolado quando se trata da assistência à mulher, por exemplo. Se o docente passa a visão de quem cuida de mulher deve ser mulher, então, nós professores, estamos contribuindo para que esse distanciamento persista”, argumenta o enfermeiro.

Souza defende que as escolas mudem essa postura, que na sua visão é equivocada. “O homem tem que saber fazer uma boa abordagem. Um bom acolhimento, em qualquer nível de assistência, resulta numa boa resposta. O paciente, qualquer que seja ele, precisa se sentir acolhido. Isso facilita o atendimento. É nesse ponto que deve estar o diferencial da assistência”, defende João Paulo.

## Amor pela ciência e pelo ser humano

O enfermeiro Marcelo Penha vem de uma família de comerciantes de Franco da Rocha (SP). Marcelo sempre gostou de biologia e decidiu seguir a carreira da Enfermagem para unir a satisfação em atender bem, essencial no comércio, com o amor pelas ciências biológicas. Marcelo está na profissão há 11 anos e nos últimos dois atua na Unidade Básica de Saú-



Marcelo Penha: “homens e mulheres trabalham em condições de igualdade”

de (UBS) do Campo Grande, na cidade de Santos, no litoral paulista.

Plenamente realizado na profissão, Marcelo participa do acompanhamento do pré-natal, do Programa de Controle da Hipertensão e Diabetes, do atendimento a recém-nascidos, do gerenciamento de vacinas, dentre outras atividades. “Ao meu ver, homens e mulheres, dentro da Enfermagem, trabalham em condições de igualdade, ou melhor, há uma soma de características, que fortalecem a relação com o paciente”, define o enfermeiro, que é formado em obstetrícia e tem especialização em terapia intensiva.

No caso de Marcelo, essa parceria não se restringe ao ambiente de trabalho. Ele é casado com a enfermeira Renata Martins Penha, que trabalha no Ambulatório de Oncologia do Hospital Estadual Guilherme Álvaro, em Santos. Ele conta que, pelo fato de atuarem na mesma área, ele e a mulher trocam experiências e sempre refletem sobre a importância de se prestar um atendimento que envolva os pacientes com carinho, respeito e de forma que transmita segurança.

## Emergências

Se na pediatria e na atenção básica, as características físicas masculinas, como a força muscular, “não são um diferencial”, como citou o professor Rivaél, do Hospital Darcy Vargas, no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) elas fazem a diferença. Pelo menos essa é a opinião do enfermeiro Adalberto Silva Cerqueira que desde 2008 integra



Adalberto Silva Cerqueira seguiu o exemplo do tio enfermeiro

a equipe do SAMU de São Bernardo do Campo. “Existem tarefas dentro do SAMU que requerem vigor físico, como subir e descer escadas com um paciente sobre a prancha, ou diante de algum acidente”, destaca.

Adalberto acredita que a força física foi um dos fatores que colaboraram, inicialmente, para o aumento de homens no setor. “As enfermeiras gostavam quando havia um homem na equipe, porque há tarefas que exigem certa força, como dar banho no leito ou para fazer a remoção de um paciente. Contudo, houve uma evolução em vários setores do mundo, e hoje o homem na Enfermagem é um profissional dentro de uma área de atuação, como ocorre na maioria das profissões”, analisa.

Cerqueira diz que escolheu a profissão inspirado pelo tio Miguel, que começou no setor da Enfermagem na década de 1970 e hoje já está aposentado. “Lembro-me de que ele sofria preconceito, na época, por parte dos próprios trabalhadores aos quais prestava seus serviços de Enfermagem, pois era vinculado ao setor da construção civil. Para eles, era um homem executando uma tarefa de mulher. Felizmente, isso ficou lá atrás”, comemora o enfermeiro do SAMU.

Cerqueira comenta que nunca foi preterido pelas enfermeiras, que sempre o acolheram muito bem, e ressalta que hoje há alas compostas somente por homens. “A Enfermagem é um universo aberto que não leva em conta se você é homem ou mulher, mas sim se você é um profissional competente e que trabalha com amor”, afirma. ■